

Identidade nacional e relações de poder nas memórias de Karl Kleine

letrônica

Márcia Fagundes Barbosa¹

Karl Kleine era natural de Posen² e emigrou para a Colônia Blumenau com sua família em 1856 quando tinha oito anos. Suas memórias foram manuscritas em 35 cadernos já em idade adulta e posteriormente editadas em alemão por um descendente.³

Este artigo analisa parte desta escrita que foi publicada pela revista *Blumenau em Cadernos* entre os anos 2000 e 2005. Através dos movimentos sobrepostos da memória (passado/presente, pessoal/coletivo), procura-se avaliar o registro de Kleine como uma reinscrição cultural.

A memória, enquanto evento ativo que retém e atualiza as impressões do sujeito no grupo social, realiza seu trabalho através de tempos e espaços sobrepostos (passado e presente / pessoal e coletivo). Este movimento descontínuo tece a subjetividade (lembrando e esquecendo) a partir da perspectiva do coletivo, modelando sistematicamente a ideologia grupal. Nesse sentido, o trabalho de lembrança de Kleine no momento da escrita passa por um processo transformador e irá significar suas relações com o presente. Baseada em Halbwachs (1990), Ecléa Bosi esclarece:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (...) A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p.55)

¹ Mestrado em Literatura Brasileira, Doutorado em Teoria Literária.

² A província de Posen fazia parte da Prússia e, sendo assim, ao Império Alemão de 1871 à 1918. Hoje toda a sua área faz parte da Polônia.

³ As memórias de Karl Kleine foram transcritas por seu sobrinho-neto, Theodor Fritz Kleine e transformadas em dois livros: *Die Silberglocke von Vila Rica (O sino de Prata de Vila Rica)* e *Einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten* (Experiências e recordações de um imigrante) Uma parte desta última obra foi traduzida e publicada em edição bilíngüe pela Revista Blumenau em Cadernos.

Assim, as imagens evocadas nas memórias de Karl Kleine estão profundamente comprometidas com a maneira com que seu grupo social se reconhece e se identifica num tempo e espaço determinados. Portanto, o que foi lembrado pelo indivíduo é o que se perpetuou no coletivo, pois a memória trabalha sempre no sentido de manter uma unidade grupal. Contudo, essas forças unificadoras da memória (nacional) inscrita pelos espaços e pelas relações sociais, agem também de forma emergente e renovadora no tempo presente através de estruturas ainda não articuladas como unidades fixas e dominantes. Raymond Williams (1979, p. 134-5) observa a dupla inscrição da experiência social que transita entre o pessoal e o coletivo, logo, entre o presente e o passado. Entende essa tensão de forças como uma pré-formação (uma ideologia alternativa), a qual poderá ou não ser estruturada mais tarde de forma generalizante e fixa. A memória, então, “aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”. (BOSI, 1994, p. 47) No entanto, o que nos interessa aqui é avaliar as representações desta memória pessoal enquanto experiência coletiva histórica traduzida em discurso simbólico.

Karl Kleine inicia seu texto marcando esses tempos e espaços duplos da atividade mnemônica:

Nasci na província de Posen e, havia recém completado oito anos, quando meus pais resolveram emigrar para o Brasil. Embora ainda fosse muito jovem, as impressões desta viagem ficaram gravadas, com todos os detalhes, em minha memória. Não sei o motivo que levou meus pais a abandonarem a velha pátria e procurar uma nova num país longínquo. Nunca quis saber o porquê. Fiquei sabendo alguma coisa a respeito desse assunto através de conversas; foram as circunstâncias políticas e sociais na Prússia que os desgostaram – meu pai sempre fora adepto do partido do povo – tornando difícil sua permanência em sua pátria. Provavelmente as palavras de seu cunhado, que também queria emigrar, contribuíram muito nesta decisão. Além disso, circulava, naquele tempo, um escrito de muito sucesso do Dr. Blumenau, que fundara uma colônia no Estado de Santa Catarina, e assim, foi escolhida esta Colônia, que leva o nome de seu fundador, como destino da viagem. (KLEINE, 2005, p. 9-10)

Os detalhes retidos na memória de Kleine são revividos e reconstruídos no momento da escrita a partir de um ampliado repertório de experiências (imagens) adquirido até a vida adulta, o qual lhe fornece o suporte coletivo indispensável para esta atividade. É a perspectiva do grupo que lhe ajuda a construir os remotos motivos e circunstâncias que levaram seus pais à emigração (situação política, influência de um cunhado, livro de Blumenau). Percebemos, assim, o quanto o livro e a visão de Hermann Blumenau, teve grande difusão e significado para os imigrantes que se dirigiram para Santa Catarina.⁴ Veremos como o discurso

⁴ Hermann Otto Blumenau era alemão e fundou a Colônia de Blumenau no estado de Santa Catarina em 1850, dirigindo-a durante trinta anos. Publicou na Alemanha, neste mesmo ano, o livro *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã*, onde divulga seu empreendimento através de descrições sobre as **Letrônica**, Porto Alegre v.3, n.1, p.332, jul. 2010.

eurocêntrico e seus desdobramentos relativos à raça e ao gênero fornecerão neste tempo e local diáspóricos os recursos homogeneizantes da identidade cultural/nacional alemã no século XIX. Este movimento autogerador da nação pensada enquanto narração cultural (ou estratégia narrativa) é o que Bhabha (2001) irá chamar de tempo duplo da nação, o qual na tensão entre o pedagógico (passado) e o performativo (presente) tece o signo que distingue o Eu do Outro. No texto de Kleine, portanto, buscarei essas relações que marcam a diferença e definem identidades.

Kleine nos informa, então, que seu pai tinha uma consciência política desenvolvida, o que pressupõe certo grau de instrução, além das referências que faz ao professor que lecionava para ele e seu irmão. Mais adiante, irá mencionar também que viajou para o Brasil com seu pai e irmão na terceira classe do navio, exceto sua mãe e irmã menor que, adoentadas, acomodaram-se num camarote. O pai de Kleine era administrador de uma propriedade rural na Alemanha. Assim, podemos afirmar que o autor provém de um núcleo social de classe média. As experiências relatadas na idade adulta o dispõem neste mesmo nível social, econômico e intelectual, já que tinha sua própria colônia (“eu trabalhava no meu próprio chão ao lado de minha jovem esposa”) (KLEINE, 2001, p.25) e no final de suas memórias refere-se a uma nova atividade: “Foi então que me tornei professor de uma escola particular na I... (ao que tudo indica deve ser Itoupava)” (KLEINE, 2001, p.29).

Kleine retoma os sentimentos causados pelo impacto da notícia e o momento da partida ainda na Alemanha.

Num certo dia a mudança foi empacotada, as carruagens já se encontravam distante da casa, então minha mãe disse para nós, meninos (eu tinha um irmão chamado Theodor): “Queridos filhos, vocês precisam despedir-se de tudo que lhes é caro. Nós vamos para bem longe daqui, atravessaremos o oceano para chegarmos ao Brasil!” Batemos palmas, pulamos de alegria, pois agora nosso desejo seria realizado: conhecer trens, grandes navios, belas cidades e, sobretudo, a imensidão do mar. Tudo coisas que o nosso querido professor já havia descrito, fazendo nossa fantasia alçar vôo. Não entendíamos por que nossa mãe chorava tanto. (...) Aqui, nós meninos, vimos o primeiro trem em nossa vida. (...) Rapidamente fomos até Berlim. Uma alegria para nós, mas nossos pais estavam quietos em seu canto e escutávamos nitidamente as lágrimas caindo sobre o vestido de minha mãe. (KLEINE, 2005, p.11)

O autor contrasta nessas imagens as diferentes perspectivas, a infantil e a adulta, diante o evento da imigração enquanto ruptura de vida e enfrentamento do novo. Destaca a sensibilidade da mãe e, assim, o estereótipo da fragilidade feminina, que se afirma também na debilidade física e a necessidade de cuidados especiais durante a viagem de navio.

De Berlim, onde encontraram um tio que também tinha planos de emigrar para o

potencialidades e recursos da natureza desta região, além de reproduzir uma ampla visão da vida brasileira e fazer esclarecimentos referentes a legislação brasileira.

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p.333, jul. 2010.

Brasil, viajaram para Hamburgo e aguardaram uma semana a partida do navio que necessitava de reparos. Lá se hospedaram na casa de uma viúva. “Enfim o aviso: Estejam prontos, depois de amanhã todos a bordo. Éramos mais ou menos vinte famílias, alguns homens solteiros e algumas moças”. (KLEINE, 2001, p.15)

Kleine descreve as dificuldades da longa viagem, principalmente, no que se refere à alimentação. “A princípio, pela falta de hábito, a comida do navio não descia. Também a água deixava a desejar e nós nos admirávamos do gosto esquisito do chá”. (KLEINE, 2001, p.17) Em certo momento da viagem, por falta de água potável para a terceira classe, há uma revolta no navio. Na condição de crianças, Kleine e seu irmão tinham acesso a várias dependências do navio, como a cozinha, por exemplo. “Quando o ajudávamos (o cozinheiro), sempre recebíamos uma recompensa como: ameixas, açúcar, melaço, batatinha cozida na casca, carne de frango ou outra coisa gostosa. (...), mas sempre com a recomendação de não contar a ninguém” (KLEINE, 2001, p.19) Assim, de dentro da cozinha, pode relatar com propriedade o modo como o cozinheiro preparava os alimentos.

...ele economizava para seu patrão uma boa quantidade de panos de louça e sabão, pois nosso mestre de gastronomia era inimigo declarado de qualquer produto de limpeza e a palavra “sabão” não constava em seu livro de receitas. Assim, não era de se admirar que surgiu o boato de que ele não era europeu, mas um negro importado pelo capitão da África-Central e, que aprendera o dialeto alemão somente em Hamburgo. (...) Meu irmão e eu descobrimos que ele era acomodado ou como as más línguas diziam: “podre de preguiçoso”.⁵ (KLEINE, 2001, p.19)

Aqui o discurso eurocêntrico explica a diferença cultural através da raça. Os estereótipos negativos associados ao negro afirmam, nesse sentido, a idéia de “um povo” (europeu/alemão) e sua comunidade imaginada. As aspirações nacionais, próprias da narrativa da modernidade e sua idéia de progresso, encenam a raça como signo cultural. Portanto, enquanto o sujo e indolente cozinheiro só poderia mesmo ser um negro Africano, os emigrantes alemães no navio, futuros colonos em Santa Catarina, são descritos como importante força de trabalho no início da cidade de Blumenau. “Na terceira classe havia muitas pessoas com poucos recursos, estavam acostumadas a ganhar o pão com o trabalho de suas mãos (...). O início da colônia certamente não era agradável para pessoas ricas e preguiçosas”. (KLEINE, 2001, p.21)

Na escrita de Kleine há a vontade afirmativa da comunidade étnica teuto-brasileira baseada, principalmente, na ética do trabalho e na índole. Kleine escreve a partir de uma

⁵ No texto em alemão o autor usa a expressão *stinkend faul*, traduzido em português como “podre de preguiçoso”. No entanto, como o verbo *stinken* significa “cheirar mal” ou “feder”, acredito que a tradução mais adequada seria “preguiçoso fedorento”.

perspectiva já construída sobre esta comunidade de imigrantes, a qual se desenvolveu adaptadamente através da idéia do *Deutschtum*.⁶ As particularidades das diferentes regiões de emigração (“Os emigrantes vieram de diferentes regiões, a maior parte da Prússia e Mecklenburg”) (KLEINE, 2001, p.21) desaparecem no contexto marcado pela diferença para afirmar, a partir da língua, uma crença na origem comum. Assim, as diferenças de comportamento, fundamentalmente de caráter cultural e social, explicam-se através da raça. No discurso simbólico de Kleine veremos constantemente essas representações identitárias, as quais se articulam na vontade do povo-nação.

Nos deslocados tempo e espaço da imigração a emergência da continuidade nacional se dá, impreterivelmente, na repetição do Um no Outro. Nesse sentido, os estereótipos oferecem matéria para a desejada reconstituição (reconfiguração) do nacional no tempo cindido do novo espaço. Kleine descreve o contato com novo:

Finalmente, a âncora desceu e nós realmente havíamos chegado ao Brasil. Todo o sofrimento da péssima viagem desapareceu repentinamente. Todos os imigrantes, como que renascidos, estavam no chão do novo mundo, na nova pátria! (...) Rapidamente fomos cercados por uma multidão – entre eles muitos negros. Nós não sabíamos falar, sequer, uma palavra em português. (KLEINE, 2001, p.35)

A partir dos sofrimentos físico e psicológico da desterritorialização, a simbologia do renascer no novo sugere-nos a idéia de reinscrição cultural. A nova pátria aqui é um espaço de negociações, quando continuidades culturais ao mesmo tempo em que são preservadas também são canceladas, onde acontece o híbrido. Homi Bhabha irá chamar esse momento de escrita da transformação histórica ou de espaço da tradução da diferença cultural. (BHABHA, 2001, p. 308) A identificação de um lugar habitado por muitos negros, aqueles reconhecidos como “sujos e fedorentos”, encena o novo espaço pela alegoria da raça. Assim, o estranho da língua e da raça traduz o novo e o transforma em identidade.

A decepcionante chegada em Blumenau (“Não havia nada à nossa frente, além de um pedaço de terra desmatado (...) Não esperávamos encontrar uma cidade grande, mas, pelo menos uma cidadezinha ou uma aldeia. Porém, nada disso”) (KLEINE, 2000, p. 9) reforça a idéia de perseverança e diligência do povo alemão que construiu uma importante colônia no sul do Brasil. (“a paupérrima Blumenau de 1856, época em que aqui chegamos, transformou-

⁶O *Deutschtum*, traduzido como germanidade, representa os elementos de ligação do povo alemão à sua nação, onde a língua desempenha o papel mais importante. O conteúdo étnico/nacional deste conceito pressupõe que a nacionalidade alemã seja herdada pelo sangue e eternizada pela cultura, pela língua, pelos costumes, mesmo longe do território alemão. Não há, assim, um vínculo político com algum Estado, mas sim uma configuração de nacionalidade baseada numa condição humana,

se numa imponente e próspera colônia”) (KLEINE, 2001, p. 9) Há, portanto, um grande contraste entre os relatos iniciais de Kleine sobre a Colônia Blumenau e os que realiza nos últimos capítulos. Descrevendo a pobre casa do diretor da colônia, Dr. Blumenau, onde também se encontrava seu gabinete, pergunta-se:

Essa única casa seria Blumenau? Oh não! Ali havia mais uma casa, lá outra e, mais adiante, via-se uma fileira de casebres, contudo, nenhuma destas construções fazia jus à denominação de “casa”, pois eram apenas casebres, ou melhor, barracas construídas ao modo brasileiro, e em parte, inacabadas. (...) Assim, os recém-chegados avistaram Blumenau pela primeira vez. Um olhava para o outro e ninguém ousava perguntar. Por acaso isso é Blumenau? (KLEINE, 2000, p. 9)

A idéia do precário e do incipiente no novo lugar, a qual pressupõe sacrifícios e muito trabalho, ajuda a construir as novas identidades de imigrante, de colono e, mais tarde, de teuto-brasileiro (*Deutschbrasilianer*). A capacidade superior de trabalho é uma importante categoria de identificação étnica dos imigrantes alemães. Nesse sentido, Kleine descreve o desenvolvimento da Colônia Blumenau depois de alguns anos, não deixando de ressaltar “a excelente direção de seu diretor e fundador”.

Em todos os seguimentos da administração reinava ordem e progresso. Por toda a Colônia e avistavam casas grandes e bonitas, muitas já construídas em alvenaria. Foram melhorados caminhos, pontes e em todo o distrito se erguiam igrejas e capelas novas. Os moinhos e as serrarias se multiplicavam ininterruptamente. Cada distrito possuía sua própria escola (...) Já havia grande lojas de importação e exportação e um bom número de casas comerciais e hospedarias (...) Naqueles primeiros bons tempos, a exportação de madeira era uma importante fonte de renda. A plantação do tabaco trouxe igualmente algum dinheiro para a Colônia. Resumindo o comércio florescia e por toda parte havia movimentação. (KLEINE, 2001, p. 9)

O rudimentar ambiente que marcou a primeira visão da “nova pátria” transforma-se numa próspera Colônia, organizada socialmente e ativa comercialmente. A racionalização da natureza, fundamentada pela “ordem” administrativa do diretor, converte-se em “progresso” da Colônia e as “inacabadas” casas à brasileira agora são “grandes e bonitas”.

As representações do *ethos* do trabalho imigrante significam a identidade do colono⁷ alemão, sobretudo, o pioneiro. As particularidades das diversas identidades que podem constituir a subjetividade definiram também grupos distintos de imigrantes: os pioneiros e os alemães novos. Além do contexto pioneiro, o qual acarretou na mão-de-obra imigrante para a demarcação de lotes, a abertura de vias de comunicação e outros serviços de infra-estrutura básica, também a categoria de classe definiu essas diferentes identidades.

⁷ “Colono” não é propriamente uma categoria étnica; qualquer imigrante estrangeiro ou descendente, que se estabeleceu como lavrador no sul do Brasil, é chamado de colono. O termo tem muitos significados, mas este é o mais comum”. (SEYFERTH, 1982, p. 164)

Aqui, o simples e pobre trabalhador alemão conseguiu progredir através de seu suor, persistência tenaz, firme determinação, e isto o ajudou a suportar e superar todos os perigos na mata virgem. Mais tarde, vieram alguns elementos sem a mínima noção do que os aguardavam nesta mata. (...) Essas pessoas, naturalmente, logo despertavam do sonho encantador e, então se encontravam numa situação muito pior do que o simples trabalhador que não tinha ilusões. (KLEINE, 2001, p. 9)

Como entidades fluídas que se processam por uma relação de diferença, as identidades suportam no seu interior subcategorias definidas por relações de poder diversas. Nesse sentido, a ética do trabalho como categoria maior de diferença, que significa o imigrante alemão, é relacional, instável e indeterminada.

A perspectiva de gênero no texto de Kleine também nos fornece subsídios para uma interpretação do histórico enquanto simbólico ou vice-versa. A organização social baseada na relação entre os sexos é mais uma categoria de análise dos significados construídos pelas relações de poder. Evidenciam-se, portanto, nas memórias de Kleine as construções que dispõem as mulheres, assim como as crianças, em papéis mais vulneráveis em relação aos homens. A cena do último deslocamento até Blumenau, quando os imigrantes chegam ao Brasil, é um exemplo: “(...) quando o vento do mar começou a soprar, embarcamos nas lanchas, quer dizer, as mulheres com seus filhos, mais alguns homens fortes como proteção das mulheres e para zelar pela bagagem. Todos os outros precisaram caminhar a pé até Blumenau.” (KLEINE, 2005, p. 37)

No entanto, a fragilidade feminina, no contexto imigratório incipiente, reverte-se na configuração de força da mulher imigrante, a qual enfrenta dificuldades adversas para as quais não estava preparada. No rancho de recepção, aonde os recém chegados ficam nas primeiras semanas, Kleine relata:

Quem mais sofria com tudo isso era a nossa mãe, que estava adoentada e enfraquecida, porém quando se sentia um pouco melhor precisava cuidar do marido e dos filhos. Meu pai estava com problemas nos pés e nas pernas. Nós, meninos, estávamos cobertos de bichos-de-pé. Em virtude de sua força de vontade, minha mãe conseguiu suportar essa situação, o que era praticamente impossível para uma mulher que tinha vivido na Europa, em condições sociais e econômicas totalmente opostas às daqui. (KLEINE, 2001, p. 9)

O papel feminino compõe a identidade étnica do imigrante alemão, e mais tarde do teuto-brasileiro, reiterando a idéia do grande esforço inicial do “desbravamento”. Cabe à mulher a representação do sofrimento maior no que se refere à adaptação ao ambiente selvagem, quando esta deve se tornar uma colona. Assim, quando a família Kleine adquire um pequeno lote agrícola, e deixa a precária casa de recepção, o que parecia ser um alívio torna-se igualmente uma decepção.

A despedida do rancho não foi difícil, mas quando mamãe viu nosso barraco de palmito sem assoalho, sem teto, sem portas e janelas, rodeado por troncos de árvores e raízes espessas, distante cem passos da mata virgem, precisou afastar-se para ocultar suas lágrimas, a fim de não magoar nosso pai. (KLEINE, 2001, p. 11)

A casa, simbolizando o lar alemão (*Heim*), é o espaço doméstico e feminino que representa a proteção e a estrutura da família, onde se conserva o conhecido e as relações (valores) familiares. No sentido poético do nacionalismo romântico alemão, o lar (*Heim*) é a raiz básica para a noção da pátria (*Heimat*). Assim, no discurso simbólico de Kleine, o sofrimento feminino emerge da sincronicidade com o tempo da nação, legitimando a mulher como o corpo ativo e autêntico da tradição nacional. Como argumenta Anne MacClintock (1997), o discurso gendrado da nação dispõe o masculino num progresso descontínuo enquanto o feminino incorpora a continuidade e conservação da nação. Vejamos as próximas imagens:

Isso foi muito duro para minha mãe e custaram-lhe muitas lágrimas! Tudo foi superado, porém, ainda hoje em dia, ao lembrar-se do passado, seus olhos cansados e sinceros enchem-se de lágrimas e o seu coração generoso fica muito, muito triste! Este país distante certamente é bom, mais jamais será sua pátria. (...) Meu pai superou tudo isso mais facilmente do que minha mãe, que sob essas condições, sofria demais. Ela podia suportar tudo, menos ver seu marido trabalhando de diarista. Mas, em relação a isto meu pai pensava de modo diferente e dizia: O trabalho não desmoraliza ninguém, mas a preguiça sim. Enquanto eu puder, quero trabalhar para vocês, seja lá de que modo for. Ele cumpriu fielmente sua palavra. (KLEINE, 2001, p. 9-11)

Enquanto a mãe projeta-se na imagem do estranhamento eterno diante da ruptura com o nacional, o pai fornece o signo da superação e da atividade restauradora a partir do novo. Apesar de a mulher imigrante, principalmente no contexto pioneiro, ter representado um papel muito importante na lavoura, o trabalho aqui traz uma concepção estritamente masculina. Evidencia-se, portanto, a ética do trabalho como discurso de identidade, o qual se afirma no arquétipo do pai.

Kleine casa-se com uma jovem alemã residente em Blumenau e torna-se também um colono, assumindo, ao mesmo tempo, atividades que envolviam o desenvolvimento da colônia, como por exemplo, a demarcação de terras. Encena, portanto, o papel do esposo ausente e, descrevendo as duras e incessantes tarefas agrícolas, subentende-se que grande parte desse trabalho era desempenhado por sua esposa. “Após esta viagem permaneci durante mais tempo em casa por causa de minha mulher e, dediquei-me novamente ao trabalho agrícola. (...) eu trabalhava no meu próprio chão ao lado de minha jovem esposa”. (KLEINE, 2001, p. 25) Nesse sentido, reitera-se o signo da mulher restrita ao ambiente doméstico e

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p.338, jul. 2010.

familiar em contraste à atividade masculina de expansão, voltada para o público. (“De tanto minha mulher pedir, também resolvi desistir das expedições à mata”). (KLEINE, 2001, p. 29) No entanto, é no discurso do trabalho que o texto de Kleine define-se como um repositório da cultura nacional, de onde partem os demais signos de força totalizadora. Sobre o trabalho de demarcação de terras, escreve:

Como cresci neste ambiente, já estava familiarizado com as dificuldades e perigos da mata, conseguindo me inteirar com mais facilidade neste trabalho, do que os alemães recém-chegados. Trabalho este, que realmente se tornou um prazer como também uma necessidade. Felizmente sinto isto até hoje. Pois é apenas o trabalho, seja intelectual ou corporal, que dignifica O homem, tornando-o um membro útil à coletividade. O empenho, aliado ao bom senso pode alcançar o mais aspirado objetivo.⁸ (KLEINE, 2001, p. 25)

As imagens do povo alemão que supera os obstáculos (o novo) através do trabalho, o que se associa à diligência, à superioridade cultural e intelectual, contrastam com a indolência, a falta de organização e caráter brasileiros. Enfatiza-se, portanto, o progresso racional (dominação) desta região (selvagem) brasileira devido à intervenção européia. Percebemos que a força ideológica das repetidas imagens vem se construindo desde o advento da história natural e da nova consciência global da Europa, a qual lhe afirma como centro da civilização. A autoridade científica dos discursos setecentistas sobre a América legitima a perspectiva paradigmática do eurocentrismo que se viabiliza em diversos níveis tropológicos. Assim, na narrativa de Kleine em meio às imagens do eficiente e organizado trabalho alemão, aparece a incrédula organização militar brasileira, enviada pelo governo a pedido do Dr. Blumenau para proteger os habitantes dos ataques indígenas, os chamados bugreiros.

Então, nos aproximamos do quartel, onde nos demoramos mais, pois meu pai e Goldner se interessavam demais pela vida e as atividades desses soldados. Os caçadores de bugres e suas raparigas acabavam de se levantar. Eu digo raparigas, pois alguns homens, além de suas mulheres legítimas, tinham concubinas que também tinham seus amantes. Parece que isto não tinha muita importância, pois, rendia-se homenagem ao amor livre. “Cada roca com seu fuso, cada terra com seu uso”⁹. Ainda não haviam se lavado, e traziam em seus cabelos encaracolados e em suas vestes vestígios de palha de milho, da qual eram feitas suas camas. Tanto os homens quanto as mulheres trajavam roupas de verão, não se constrangendo com a presença dos “alemães”. Evidentemente a prole dos valentes protetores dos blumenauenses proliferava. O cabo, que como seus subalternos encontrava-se apenas de camisa e cueca, vestiu apressadamente o casaco da sua farda, esquecendo-se da calça. Recebeu-nos de casaco e cueca, porém com a gentileza peculiar de todos

⁸ No texto em alemão, o autor usou “*Fleiss mit Verstand*”, traduzido por “empenho” e “bom senso”, no entanto o segundo substantivo associa-se melhor às noções de inteligência, entendimento ou razão.

⁹ A expressão do autor foi: *Ländlich, sittlich!*, a qual dá o mesmo sentido da expressão metafórica usada pelo tradutor, porém com maior ênfase na questão da moralidade. “*Ländlich*” se refere às características de vida de um país e “*sittlich*” corresponde à moral, ética. Portanto, cada povo com sua moral.

os brasileiros. Tratava meu pai de “senhor doutor”, provavelmente recebeu o título de doutor porque usava óculos. O cabo levou seus hóspedes de cabana em cabana, mostrando e explicando tudo detalhadamente com tanto entusiasmo, que esqueceu completamente quão pouco se fazia entender. (KLEINE, 2000, p. 19)

De forma caricatural, Kleine apresenta a impotência de uma organização que deveria ter o desígnio da disciplina e da ética. Os estereótipos que explicam a degradação da sociedade brasileira afirmam-se, sobretudo, sob signo da sexualidade, onde se entrecruzam as categorias de gênero e a raça. Nesse sentido, identifica e relaciona a imoralidade da poligamia e a irracionalidade aos excessos do prazer e do desejo, por onde também acontece a continuidade da raça. Vemos, portanto, o quanto o corpo do colonizado opera como o modo de representação da alteridade; e é a negação desta que irá transformar o Outro num desajustado. Aqui, a recusa da diferença se dá através da sátira estereotipada. Segundo Bhabha, o estereótipo é um complexo e falso modo de representação capaz de oferecer, “*em um momento qualquer*, um ponto seguro de identificação”¹⁰ (BHABHA, 2001, p. 110) Cabe aqui salientar a idéia de Stuart Hall (2000) sobre a identidade cultural como o resultado de uma “costura” das diferenças através de formas diversas de poder cultural e de como este é dependente da representação. Vemos, assim, a superioridade do povo alemão, personalizada nas identificações que o diferenciam dos brasileiros, confirmando-se na atitude do “cabo” que, só de cuecas e de casaco da farda, refere-se ao imigrante estrangeiro sob o título de “Sr. Doutor”.

Por conseguinte, as imagens depreciativas de um núcleo “tipicamente brasileiro” (libertinagem sexual, falta de ética e de higiene, desorganização e indolência) dramatizam o espaço de confrontos culturais/subjetivos e produzem efeitos de poder no interior do discurso simbólico. É nesse espaço que acontece o movimento perturbador do hibridismo, quando o *estranho* se infiltra e desestabiliza o discurso dominante. (“Partimos com os sentimentos meio confusos (...)”). (KLEINE, 2000, p. 23)

Barthel, um imigrante conhecido no navio, foi ao encontro da família Kleine em Blumenau para anunciar a sua volta para a Europa e despedir-se (“sinto-me novamente atraído para a minha bela Saxônia e espero em breve rever as torres de Erfurt, caminhar por seus maravilhosos jardins...”) (KLEINE, 2001, p. 17) e relata sua *extraordinária*¹¹ experiência como médico em meio as brasileiros.

Há aproximadamente um ano fui chamado para atender uma mulata doente,

¹⁰ Grifos d autor. Em relação á idéia de “falsa representação”, p. 117

¹¹ A palavra “extraordinário” tem aqui o claro objetivo de marcar “o fora do contínuo”, o imprevisível.

chamada Maria Nunez, conhecida por todos como Maria Velha e, apesar de idosa, ainda era ativa. (...) Como era dada a “simpatias” (“*Sympathie*”) e demais curas, era procurada por muitos brasileiros, mas muitos também a tinham como bruxa. (...) Quantas foram as ervas e raízes que ela me trouxe, explicando seu poder de cura e o devido emprego. Eu me admirei de encontrar tantos conhecimentos precisos numa pessoa criada na selva, que nunca havia freqüentado uma escola e sem noção alguma sobre conhecimentos medicinais. (...) Muito antes ela já havia me interrogado sobre o meu padecimento e eu notei muito bem, que ela o havia percebido há tempo, porém nunca chegou a falar sobre a possibilidade de me curar. Eu já havia experimentado de tudo para ainda ter esperança de alguma melhora, mas considerei esse fato como um sinal divino e realmente foi! Como o senhor pode ver, o tratamento foi muito eficaz. (...) Foi simplesmente horrível o que saiu do meu nariz. (...) Após a quinta inalação, havia me livrado definitivamente de um terrível e persistente mal, que nenhum médico soube curar. Eu já mostrei essa casca para muitos brasileiros, mas ninguém conhece esta árvore. Eu pretendo mandar examiná-la por especialistas na Alemanha e levarei comigo uma caixa cheia de medicamentos naturais da região para serem testados. E então, diga-me se não há providência divina (...) conhecendo assim a mulata que foi o instrumento para minha cura. (KLEINE, 2001, p. 25-6)

Há aqui uma intervenção no contínuo e repetitivo discurso eurocêntrico que se estrutura nas sobrepostas “imagens positivas” dos alemães e “imagens negativas” dos brasileiros. Este “desvio ambivalente do sujeito discriminado” que irá perturbar as “imagens e presenças da autoridade” é o que Bhabha chama de hibridismo. (BHABHA, 2001, p. 165) A surpresa de Barthel em relação aos “conhecimentos” da “velha mulata” marca esse espaço imprevisível do híbrido, onde os saberes negados transgridem a autoridade discursiva. Porém, percebemos que este espaço de intervenção é logo restituído pela verdade colonial, quando o médico alemão leva as plantas medicinais para serem testadas na Europa, já que não encontra nenhuma explicação científica no Brasil. Portanto, a racionalização européia do conhecimento intuitivo latino americano retoma a dualidade do pensamento colonial, estruturado nas oposições natureza/cultura, caos/civilidade. Contudo, a cura de Berthel pela sabedoria nativa, negra e selvagem, inscreve-se como signo híbrido no texto cultural de Kleine, revelado também pelo novo significado atribuído à palavra alemã *Sympathie*.¹² Assim, os limites culturais, referenciados pelo modo de vida e os signos que abrange, são violados no além pela diferença e, através de uma inquietação, são redefinidos. Essas experiências fronteiriças estão constantemente representadas nas memórias de Kleine, as quais são a própria expressão de uma reinscrição cultural. Cultura esta constituída no espaço híbrido.

Nesse sentido, dentro deste espaço da diferença, o texto de Kleine representa uma disputa de forças entre os signos articulados no passado e a resignificação destes no presente. O contato com o Outro desencadeia, portanto, uma vontade de aspiração nacional que irá

¹² A palavra alemã *Sympathie* (simpatia) só comporta o significado que refere à atração ou conformidade de gênios entre duas ou mais pessoas.

buscar nos mitos unificadores e totalizadores da cultura a idéia de “comunidade imaginada”. Assim, enquanto “a Colônia caminhava a passos gigantesco à conclusão de um ciclo e começava a mobilização para a sua emancipação”¹³ (KLEINE, 2001, p. 11), Kleine descreve os corruptos administradores brasileiros. Na tarefa de examinar a contabilidade da Colônia, foram enviados tesoureiros do Rio de Janeiro, os quais insinuaram ao pai de Kleine, na época secretário da diretoria, de que este deveria “conseguir mais meios de outra maneira”. Seguem, então, as imagens que contrastam e definem os diferentes povos nacionais:

(...) o tesoureiro se manteve bem, deu algumas palmadas no ombro de meu alterado pai e falou tranquilamente: “Prezado senhor, não se altere em vão. Isso é um hábito nacional, e não é segredo nenhum que todo funcionário público procura um complemento extra. Às vezes, até é obrigado a fazer isso se não quiser morrer de fome com sua família. Veja no Rio, (...) mais da metade do ordenado é gasto com condução: o bonde puxado a cavalo. E de onde vem o restante?” Meu pai apenas balançou a cabeça. (KLEINE, 2001, p. 11)

A riqueza de detalhes na cena recriada por Kleine deixa claro (na ambígua voz do tesoureiro/Kleine) o movimento homogeneizante do nacional que utiliza estratégias de oposição para se afirmar enquanto “povo-como-um”. Estratégias estas fundamentadas na lógica eurocêntrica e nos padrões iluministas de hierarquias de poder, os quais tratam seus Outros (não europeus) com tolerância e repúdio. Percebemos, portanto, a contradição como elemento constante no discurso colonial e eurocêntrico¹⁴ sobre a América, pois esta ao mesmo tempo em que é moralmente impotente, representa também o futuro, uma potência. (Então todos em Blumenau diziam: “Paciência, palavra conhecida como fórmula mágica para todas as dificuldades dos brasileiros”.) (KLEINE, 2000, p. 17)

As lembranças de Kleine, portanto, afirmam-se enquanto espaço de reinscrição cultural/nacional a partir da experiência da desterritorialização e do contato com a diferença. Aqui os marcadores de identidade, como a etnicidade e a (invenção da) tradição, traduzem-se em discursos colonial e eurocêntrico como forma de interpretar o Outro e redefinir-se subjetivamente. As construções ideológicas que polemizaram a América na Europa dissiparam-se em vários planos e por muito tempo (ouvimos seus ecos até hoje), gerando significados e ações em ambos continentes. Assim, o discurso de Kleine é uma clara representação dessas ambíguas relações globais inscritas no imaginário metropolitano e utilizada pela periferia como modelo de auto-definição.

¹³ A Colônia Blumenau foi emancipada a município em 20 de abril de 1880.

¹⁴ Ella Shohat e Robert Stam afirmam que “embora os discursos colonialistas e eurocêntricos estejam intimamente relacionados, suas ênfases são distintas. Enquanto o primeiro justifica de forma explícita as práticas colonialistas, o outro “normaliza” as relações de hierarquia e poder geradas pelo colonialismo e pelo imperialismo, sem necessariamente falar diretamente sobre tais operações”. (SHOHAT, STAM, 2006. p. 21)

Finalizo este artigo com as imagens de um sonho infantil de Kleine, as quais no espaço livre e ampliado da memória traduzem os sentimentos e os signos (preconcebidos) que o Novo Mundo produz no imaginário Europeu: estranhamento, medo, beleza, selvageria, potência, excitação e serenidade...

Nessa noite, nós irmãos, tivemos uma série de sonhos estranhos. Sonhamos com cobras gigantes que lutavam com rãs em formato de dragão e infinitos urus com asas azuis de borboletas sobrevoavam o nosso acampamento. Por último, uma gigantesca baleia atravessou sobre o bravo Garcia. Por fim, tudo se confundiu na obscuridade de um sono salutar ocultou todas essas visões excitantes. (KLEINE, 2001, p. 21)

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vertice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KLEINE, Karl. Memória de um imigrante. Trad. Annemarie F. Schünke. In: *Blumenau em Cadernos* – Tomo XLVI – n. 03/04 – Março / Abril -2005. p. 9-37

KLEINE, Karl. Karl novamente colono. Trad. Annemarie F. Schünke. In: *Blumenau em Cadernos* – Tomo XLII – n. 05/06 – Maio / Junho -2001.

KLEINE, Karl. Chegada em Blumenau. Trad. Brigitte Kretzschmar. In: *Blumenau em Cadernos* – Tomo XL – n. 11/12 – novembro / Dezembro -2000. p. 7-27

KLEINE, Karl. Blumenau continua progredindo. Trad. Annemarie F. Schünke. In: *Blumenau em Cadernos* – Tomo XLII – n. 05/06 – Maio / Junho -2001. p. 7-29

KLEINE, Karl. Chegada em Blumenau. Trad. Brigitte Kretzschmar. In: *Blumenau em Cadernos* – Tomo XLII – n. 01/02 – Janeiro / Fevereiro -2001. p. 7-27

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: A ideologia e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p.343, jul. 2010.

SHOHAT, Ella e STAM, Robert. *Crítica da Imagem Eurocêntrica: Multiculturalismo e Representação*. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosacnaif, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahir, 1979

Recebido em: 15/06/2010

Aceito em: 22/08/2010

Contato: marciafb12@terra.com.br